

**SOB NOVAS ENGENHAGENS: RECONFIGURAÇÕES DO TRABALHO
INDUSTRIAL E DA EXPERIÊNCIA OPERÁRIA NO SÉCULO XXI**

**BAJO NUEVOS ENGRANAJES: RECONFIGURACIONES DEL TRABAJO
INDUSTRIAL Y DE LA EXPERIENCIA OBRERA EN EL SIGLO XXI**

**UNDER NEW GEARS: RECONFIGURATIONS OF INDUSTRIAL WORK AND THE
WORKERS' EXPERIENCE IN THE 21ST CENTURY**



Iram Jácome RODRIGUES¹
e-mail: iramjrodrigues@gmail.com



Jacob Carlos LIMA²
e-mail: jacobl@ufscar.br



Aline Suelen PIRES³
e-mail: alinepires@ufscar.br

Como referenciar este artigo:

RODRIGUES, Iram Jácome; LIMA, Jacob Carlos; PIRES, Aline Suelen. Sob novas engrenagens: reconfigurações do trabalho industrial e da experiência operária no século XXI. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 31, n. esp. 1, e026002, 2026. e-ISSN: 1982-4718. DOI: 10.52780/res.v31iesp.1.21326.



| Submetido em: 14/05/2026
| Revisões requeridas em: 20/05/2026
| Aprovado em: 16/06/2026
| Publicado em: 27/07/2026

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e professor aposentado do Departamento de Economia da USP. Pesquisador do CNPq — bolsista de produtividade em pesquisa. Professor livre-docente sênior do Departamento de Sociologia da USP.

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do CNPq — bolsista de produtividade em pesquisa. Professor titular no Departamento de Sociologia da UFSCAR.

³ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – São Paulo (SP) – Brasil. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pesquisadora do CNPq — bolsista de produtividade em pesquisa. Docente do Departamento de Sociologia e do Programa de pós-graduação em Sociologia da UFSCAR.

Apresentação

A proposta deste dossiê é abordar as configurações contemporâneas do trabalho industrial e da ação sindical, buscando refletir sobre as transformações recentes na “condição operária”. Seu ponto de partida foi o projeto de pesquisa “A condição operária revisitada: os trabalhadores da indústria automotiva paulista no início do século XXI”, financiado pelo CNPq (Edital Universal 2021-2024), estudo desenvolvido, essencialmente, junto às três montadoras de São Bernardo do Campo — Mercedes-Benz, Scania e Volkswagen —, e que envolveu a aplicação de mais de 900 questionários e cerca de quarenta entrevistas, além de visitas de campo às fábricas e ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. No entanto, além de apresentar os resultados desse estudo, este dossiê reúne ainda contribuições de outros pesquisadores brasileiros dedicados ao tema, contemplando as consequências da reorganização territorial da indústria e da digitalização e fragmentação da produção do setor automotivo. Buscando ampliar o escopo das reflexões e estabelecer diálogos comparativos com a América Latina, incorporaram-se aqui discussões sobre as transformações recentes no cenário industrial e sindical da Argentina, com foco no setor automotivo.

O trabalho industrial e a ação sindical vêm sofrendo importantes transformações nas últimas décadas. A despeito do inaudito movimento grevista que levou à irrupção de grandes mobilizações de atores sociais vinculados ao mundo do trabalho no Brasil no final dos anos 1970, passados mais de quarenta anos desse processo, ocorreu um arrefecimento da ação operária e os sindicatos estão enfrentando, no período mais recente, uma crise de legitimação sem precedentes. Os anos 1990 foram tempos difíceis para os trabalhadores no país. Houve aumento dos processos de terceirização, bem como mudanças na geografia produtiva, com o deslocamento das empresas para áreas menos sindicalizadas e, por isso mesmo, com menor tradição de organização dos trabalhadores e salários mais baixos; tendo ocorrido ainda uma reorganização na produção com o avanço das mudanças tecnológicas e organizacionais que deixaram a produção mais “enxuta”.

Esse quadro resultou no crescimento da insegurança no mundo do trabalho, colocando em xeque, por diferentes razões, a organização e mobilização dos trabalhadores. Em outras palavras, novas fábricas, novas tecnologias, o aprofundamento das terceirizações, a reespecialização da produção, a desnacionalização de setores industriais como as autopeças e a privatização de empresas públicas foram mudanças que afetaram profundamente a classe operária industrial. Apenas no período de 2003-2016 — durante os governos do Partido dos Trabalhadores —, esse processo teve alguma reversão. Após esse breve intervalo, ocorreu uma

mudança radical na relação do(s) governo(s) com os trabalhadores e seus organismos de representação e, como resultado da Reforma Trabalhista de 2017, houve um enfraquecimento ainda maior do poder sindical. Entre as consequências dessa reforma estão uma queda acentuada da taxa de sindicalização nos últimos anos, cortes de recursos financeiros para os sindicatos, mudanças nas regras da negociação coletiva, entre outros aspectos, cenário agravado no contexto da pandemia de covid-19.

Em termos tecnológicos, as indústrias instaladas nos anos 1990 e nas décadas seguintes se caracterizaram pelo uso decrescente da força de trabalho, reduzindo o número de empregos sem, contudo, se destacarem em termos de inovação na comparação com suas matrizes no exterior. Para os trabalhadores, a reorganização espacial e tecnológica representou redução salarial e participação de novas gerações de trabalhadores mais escolarizados, mas sem experiência de trabalho industrial e sem tradição de atividade sindical, além de fortemente impregnados do ideário empreendedor. As novas tecnologias amparadas no trabalho digital e a terceirização tornaram-se um dilema no que se refere à construção de uma identidade coletiva entre esses trabalhadores. A fragmentação sindical representada pela dispersão geográfica das novas unidades industriais diminuiu o ímpeto mobilizador dos sindicatos. Mesmo assim, no caso do ABC paulista, os trabalhadores das montadoras automobilísticas e seu sindicato continuam representando uma elite entre os trabalhadores fabris pela permanência de um trabalho fordista, mesmo que em constante fragilização, verificando-se uma manutenção das conquistas sindicais representadas e mantidas pelas Comissões Sindicais na Empresa (CSEs). Em outras palavras, neste caso, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC conseguiu, a partir da organização nos locais de trabalho, em um conjunto de empresas — grandes e médias indústrias — e, em particular, nas três montadoras situadas no município de São Bernardo do Campo, dirimir os efeitos mais perversos dessas mudanças.

O objetivo deste dossiê é recuperar esse processo e os desafios que ele representa em termos das mudanças nos padrões tecnológicos das montadoras, sua permanência no país e suas consequências para uma categoria de trabalhadores que se constituiu em importante ator coletivo nas lutas sociais das últimas décadas. A partir desse cenário de mudanças, buscou-se refletir sobre as perspectivas do trabalho industrial e o futuro do sindicalismo, investigando e caracterizando o que seria uma “nova” condição operária decorrente das mudanças concretas na cultura do trabalho, fortemente marcada por uma lógica individual e empreendedora, e o enfraquecimento de uma perspectiva coletiva própria das lutas sociais.

Nos primeiros quatro artigos, este dossiê discute os resultados da pesquisa realizada no ABC paulista, envolvendo trabalhadores e lideranças no âmbito do setor automotivo e do sindicalismo metalúrgico. As temáticas abordadas nesses capítulos iniciais tratam dos seguintes pontos: o perfil dos trabalhadores da indústria automotiva e o papel do sindicato na conformação de uma identidade operária; as transformações geracionais e as mudanças na cultura do trabalho desses trabalhadores; a liderança sindical suas trajetórias, percepções sobre o mundo do trabalho - desafios e perspectivas; a formação política dos militantes e dirigentes metalúrgicos como ação sindical estratégica.

No primeiro artigo, “A condição operária revisitada: os trabalhadores da indústria automotiva e o protagonismo sindical”, Rodrigues e Lima apresentam um perfil dessa nova classe operária destacando suas origens, faixa etária, escolaridade e envolvimento sindical. Fica evidente que essa classe não é tão nova assim, com a maioria dos trabalhadores tendo acima dos 35 anos e sendo altamente escolarizada. Observou-se que a perenidade da atividade sindical faz com que eles se identifiquem como trabalhadores e tenham o sindicato como referência, o qual, por sua vez, mantém permanente interlocução com os trabalhadores, apresentando uma continuidade de atuação que demonstra o porquê do seu forte protagonismo mesmo num contexto econômico insatisfatório.

Em seguida, Pires e Diéguez, no artigo “Uma categoria em transformação: mudanças e permanências entre gerações de metalúrgicos do ABC”, tipificam quatro gerações de trabalhadores — a fundadora, a das greves, a da reestruturação produtiva e a “4.0” — com experiências distintas e diferentes trajetórias de socialização no trabalho. Destacam a geração da reestruturação produtiva, privilegiada pela pesquisa, e suas tensões entre um fordismo resistente e mudanças recentes na cultura do trabalho. O artigo conclui assinalando uma reconfiguração contínua da condição operária — e não uma ruptura geracional —, marcada pela heterogeneidade das experiências geracionais e por tensões entre individualização e ação coletiva, ao mesmo tempo em que se observa a persistência da fábrica como referência de inserção social em um contexto de precarização

Costa e Arruda, em “A Formação Política como Ação Sindical Estratégica”, analisam a política de formação sindical do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, destacando seu papel estratégico desde as greves históricas das décadas de 1970 e 1980. Eles apontam que a criação do Departamento de Formação Sindical permitiu capacitar militantes e dirigentes, fortalecendo a organização da categoria frente às ofensivas patronais e aos desafios políticos. Ao longo de mais de quatro décadas, essa formação contribuiu para a negociação coletiva, a preservação de

empregos e a adaptação às inovações tecnológicas. A questão proposta é como essa política sustenta a renovação dos quadros sindicais e a capacidade de enfrentamento da entidade em diferentes conjunturas.

Em “Lideranças metalúrgicas no estado de São Paulo: um perfil social e trajetórias de formação da militância sindical”, Martins e Melo discutem o perfil das lideranças metalúrgicas organizadas pela Federação Estadual dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores (FEM-CUT) no estado de São Paulo com base em questionário aplicado na plenária da referida instituição, que ocorreu em maio de 2025, no município de Itanhaém. Além disso, analisa-se as trajetórias e as perspectivas para o movimento sindical de algumas lideranças do ABC paulista com base em entrevistas em profundidade realizadas entre 2024 e 2025.

Os três artigos seguintes são derivados de outras pesquisas sobre o setor no Brasil e na Argentina, e discorrem sobre os desafios do aumento da fragmentação e integração da produção e a experiência da relação capital/trabalho.

Em “Relações de trabalho e ação sindical em territórios *greenfield*: o caso da Stellantis em Goiana (PE)”, Costa Lima e Barcellos discutem os desafios enfrentados pela ação sindical diante das transformações espaciais e institucionais no setor automotivo brasileiro, tomando como estudo de caso o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Pernambuco (SINDMETAL-PE) na planta da Stellantis, localizada em Goiana (PE). O Polo Automotivo Stellantis Goiana, inaugurado em 2015 como um projeto *greenfield*, é representativo da reespacialização recente da indústria automotiva no Brasil. A partir de entrevistas com diretores do SINDMETAL-PE, o estudo evidencia que a fábrica — considerada a mais moderna da Stellantis no mundo — reproduz uma cultura organizacional antissindical, característica observada em outras unidades globais da empresa, acirrando o tensionamento nas relações entre sindicato e empresa.

Cató, Spinosa e Bosisio, em “Trabajadores automotrices y sindicatos frente a las políticas de desindustrialización del gobierno de Milei”, a partir de projetos coletivos do CONICET (Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas) e da Universidade de Buenos Aires, analisam o impacto das políticas de ajuste e desindustrialização do governo Milei sobre o emprego, a qualidade do trabalho e as relações trabalhistas no setor automotivo argentino, com foco no corredor Norte da Grande Buenos Aires, que concentra três grandes empresas automobilísticas — Ford, Volkswagen e Toyota. Essas três grandes montadoras e fabricantes de autopeças multinacionais foram examinadas, considerando tanto a caracterização estatística do setor quanto uma análise do espaço territorial e sua relação com o trabalho. Por

meio de entrevistas, as vozes de trabalhadores e sindicatos são coletadas para avaliar como essas transformações afetaram as condições de trabalho e as estratégias sindicais.

Continuando a análise sobre a situação argentina, Drolas, Delfini, Tomasini e León, em “Digitalización de la producción y rupturas en las dinámicas laborales. Un estudio sobre el sector autopartista de Rafaela, Provincia de Santa Fe”, discutem os efeitos da transformação digital na dinâmica do trabalho no setor de autopeças de Rafaela, província de Santa Fé. Utilizando uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas com representantes sindicais e líderes do setor, o estudo buscou compreender como a digitalização — associada à Indústria 4.0 — remodelou a organização da produção, as condições de trabalho e as relações trabalhistas. A pesquisa analisa a profundidade das mudanças tecnológicas dentro das empresas e suas consequências para os sistemas de qualificação e estratégias de adaptação diante das novas demandas de produção do setor automotivo.

Em “Ensaio: tecnologia e trabalho”, Salerno discute como os sistemas produtivos de distribuição e comercialização de bens e pessoas estão sendo digitalizados. Para tanto, ele caracteriza a transformação digital e suas perspectivas, em especial, o dilema de não adoção da transformação digital por algumas empresas, dilema similar ao de não automatizar, não reduzir estoques via esquemas do tipo *just-in-time* e assemelhados. A partir dessa caracterização, discutem-se os impactos para o mundo do trabalho e para a ação coletiva, entendido aqui em seu todo, incluindo os ditos autônomos, PJs e terceirizados, impactos estes que são projeções idealizadas de uma situação social “congelada frente à indeterminação do jogo político-social”.

Finalizando o dossiê, temos a entrevista com Wellington Messias Damasceno, intitulada “Entre a fábrica e o futuro: a trajetória de uma liderança operária diante das mudanças no trabalho e no sindicalismo”, realizada pela equipe da pesquisa “A condição operária revisitada”. No relato, o entrevistado, recém-eleito Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, ao discorrer sobre sua trajetória, oferece uma análise aprofundada das transformações no mundo do trabalho e no sindicalismo contemporâneo. Aborda as mudanças estruturais na indústria automotiva e os novos desafios da organização dos trabalhadores frente à precarização e à Indústria 4.0, interlocução fundamental para pesquisas no campo do trabalho industrial, do setor automotivo e do sindicalismo.

O presente dossiê, ancorado em pesquisas no âmbito do setor automotivo em diferentes localidades, traz uma reflexão tanto sobre os desafios que estão postos para o futuro do trabalho a partir das transformações na produção, na cultura do trabalho, no sentimento de pertencimento das classes trabalhadoras quanto sobre as mudanças relacionadas à visão de mundo de amplos

contingentes operários e o conjunto desse processo para o trabalho organizado e para a relação capital/trabalho pois, “os sindicatos são pulverizados, enquanto as empresas são globais e, se a luta continua, parece estar mais difícil”, nos termos de Salerno em seu artigo supracitado. Dito de outro modo, essa dinâmica seria tão-somente expressão da relação entre homens e máquinas, trabalhadores e empresas ou representaria um certo *ethos* das sociedades capitalistas contemporâneas?

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

